

O SEMINÁRIO,

UM LABORATÓRIO DE ESPERANÇA

PARA O FUTURO



**Carta Pastoral de
D. José Manuel Garcia Cordeiro**

**Diocese de Bragança-Miranda
Novembro de 2011**

O SEMINÁRIO, UM LABORATÓRIO DE ESPERANÇA PARA O FUTURO

Carta pastoral do Bispo Diocesano
Aos Presbíteros, aos Diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos da Diocese de Bragança-Miranda

O feliz acontecimento da primeira Assembleia do Clero, realizada no dia 17 de Outubro no Seminário de S. José, propôs a formação do clero como uma das prioridades pastorais da Diocese no momento actual.

Aproveitando a ocasião da celebração da semana dos Seminários diocesanos na Igreja presente em Portugal, de 06 a 13 de Novembro, sob o tema «formar pastores consagrados totalmente a Deus e ao seu povo», gostaria de propor algumas dimensões essenciais acerca a formação inicial e permanente dos Presbíteros (=Padres). Por isso, pensei escrever esta primeira carta pastoral sobre a formação presbiteral, olhando o Seminário como um laboratório de esperança para o presente do futuro.

Recordo com muita alegria todo o meu processo vocacional e os anos felizes que vivi no Seminário em Vinhais, em Bragança e no Porto. Dou muitas graças a Deus pelos formadores, professores, colegas e amigos deste tempo importante da minha formação inicial para o sacerdócio. Igualmente agradeço o dom e o mistério vivido depois como formador do Seminário até ao momento em que continuei o serviço pastoral e académico em Roma, em nome da Diocese: no Pontifício Colégio Português, no Pontifício Ateneu de Santo Anselmo e na Univer-

cidade de S. Tomás de Aquino.

A actual comunidade do Seminário Maior é constituída por quatro jovens. Vivem habitualmente no Seminário Maior de Viseu e frequentam aí o Instituto Superior de Teologia juntamente com os seminaristas de Viseu, Guarda e Lamego. No Seminário em Bragança temos dois jovens com a licenciatura em Teologia que se propõem às ordens sacras. Temos ainda 11 seminaristas menores do 7º ao 12º ano. Enorme esperança e confiança depositamos em muitos jovens da nossa amada Diocese, especialmente em alguns que, frequentando ou tendo concluído os estudos superiores, colocam agora a questão fundamental da vocação sacerdotal.

A nossa Diocese com 136.459 habitantes, com 6.545 Km² de área geográfica, 326 Paróquias, 100 Presbíteros, dos quais 66 dedicados e sacrificados párocos, 4 Diáconos, 114 Religiosas, 10 Religiosos e muitos, muitos mais ministérios, serviços, famílias, movimentos, Instituições e fiéis leigos – é uma realidade desafiante.

Todavia, o tempo que vivemos não pode deixar de fazer-nos reflectir também sobre as nossas responsabilidades, enquanto crentes e chamados a difundir o dom da fé e a promover, em cada irmão, a disponibilidade ao chamamento de Deus e da sua Igreja. De modos diferentes, todos nós devemos admitir que não respondemos plenamente a esse chamamento nas nossas famílias, nos ambientes de trabalho, nas paróquias, nos movimentos, nas congregações religiosas e institutos seculares. Por isso, a primeira palavra é um convite à *conversão*. Só sairemos desta crise vocacional se esse processo de mudança de olhar e de mentalidade for sincero e produzir frutos de novidade de vida.

Faço igualmente um convite à *esperança*. Temos que abrir toda a nossa pastoral à Esperança. A nossa certeza é de que o Senhor da messe não deixará faltar à Igreja operários para a sua messe. Se a esperança é fundada não nas nossas previsões e nos nossos cálculos, que muitas vezes a história passada se encarregou de desmentir, mas na Sua Palavra, então podemos e queremos acreditar numa renovada primavera vocacional para a nossa Igreja de Bragança-Miranda. Numa Igreja toda vocacional, todos somos responsáveis por todas as vocações ao ministério ordenado (presbíteros e diáconos), à vida religiosa, à vida secular e ao matrimónio cristão.

A todos, em especial a vós jovens e aos jovens seminaristas, reafirmamos que o amor é o sentido pleno da vida. O essencial no ministério é o amor. Jesus não perguntou a Pedro: «és capaz de administrar os bens da Igreja? És capaz de ser responsável das almas? És capaz de antever o futuro para uma comunidade difícil? És capaz de amparar os vacilantes nas perseguições? – “tu amas-me?”: nisto está o essencial»¹. E o chamamento sempre antigo e sempre novo é «Segue-me». Um homem vale quanto vale o seu coração. Este é o diálogo que sintetiza uma vida!

Recordo-vos as palavras que o Papa Bento XVI dirigiu aos seminaristas na Jornada Mundial da Juventude em Madrid: «queridos amigos, preparais-vos para ser apóstolos com Cristo e como Cristo, para ser companheiros de viagem e servidores dos homens. Como haveis de viver estes anos de preparação? Em primeiro lugar, devem ser anos de silêncio interior, de oração permanente, de

¹C.M. MARTINI, *Le tenebre e la luce. Il dramma della fede di fronte a Gesù*, Piemme, Milano 2009, 64.

estudo constante e de progressiva inserção nas actividades e estruturas pastorais da Igreja. Igreja, que é comunidade e instituição, família e missão, criação de Cristo pelo seu Espírito Santo e simultaneamente resultado de quanto a configuramos com a nossa santidade e com os nossos pecados. Assim o quis Deus, que não se incomoda de tomar pobres e pecadores para fazer deles seus amigos e instrumentos para redenção do género humano. A santidade da Igreja é, antes de mais nada, a santidade objectiva da própria pessoa de Cristo, do seu evangelho e dos seus sacramentos, a santidade daquela força do alto que a anima e impele. Nós devemos ser santos para não gerar uma contradição entre o sinal que somos e a realidade que queremos significar.

Meditai bem este mistério da Igreja, vivendo os anos da vossa formação com profunda alegria, em atitude de docilidade, de lucidez e de radical fidelidade evangélica, bem como numa amorosa relação com o tempo e as pessoas no meio de quem viveis. É que ninguém escolhe o contexto nem os destinatários da sua missão. Cada época tem os seus problemas, mas Deus dá em cada tempo a graça oportuna para os assumir e superar com amor e realismo. Por isso, em toda e qualquer circunstância em que se encontre e por mais dura que esta seja, o sacerdote tem de frutificar em toda a espécie de boas obras, conservando sempre vivas no seu íntimo aquelas palavras do dia da sua Ordenação com que se lhe exortava a configurar a sua vida com o mistério da cruz do Senhor».

A formação dos presbíteros (inicial e permanente) deve ser uma prioridade na vida de toda a Diocese e do Bispo em particular: «com tudo o que supõe de oração, dedicação e canseira, a formação dos presbíteros constitui

para o Bispo uma preocupação de primordial importância»². O primeiro representante de Cristo na formação presbiteral e o princípio “sacramental” da unidade do presbitério é o Bispo.

A partir da articulação da Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores Dabo Vobis* (PDV) apresentamos brevemente às quatro dimensões da formação (humana, espiritual, intelectual e pastoral) e acrescentamos mais uma – a formação comunitária. Estas cinco dimensões antropológico-teológicas da formação correspondem às exigências da identidade e missão dos presbíteros, tornando-se ainda mais necessárias no momento presente da história.

Além de ser um espaço: «o seminário é tempo destinado à formação e ao discernimento» – disse o Papa Bento XVI aos seminaristas e acrescentou: «O seminário é tempo de caminho, de busca, mas sobretudo de descoberta de Cristo. (...) Quanto mais conheceis Jesus tanto mais o seu mistério vos atrai; quanto mais O encontrais tanto mais estais impulsionados a procurá-Lo. É um movimento do espírito que dura toda a vida, e que encontra no seminário uma estação repleta de promessas, a sua "primavera"»³.

O Seminário representa para a Igreja local um dos bens mais preciosos, a tal ponto de ser chamado “o coração da Diocese”, porque a renovação do presbitério é determinante para a vida de uma Diocese. Todos somos convidados a olhar o seminário como “coração da Diocese”, a rezar por todas vocações, a contribuir para a vida quotidiana dos seminaristas e sobretudo para uma formação excelente dos padres.

²JOÃO PAULO II, *Pastores Gregis* 48.

³BENTO XVI, *Discurso aos seminaristas em Colónia*, 19.08.2005.

Nesta perspectiva, o Seminário diocesano, "cor cordis" da Igreja particular, poderá ser verdadeiramente um sinal vocacional particularmente incisivo para os jovens, como um laboratório de esperança para o futuro. O Seminário é uma experiência original da vida eclesial que permite ao jovem saborear a vida presbiteral na comunidade educativa do Seminário e no contacto directo com a Diocese.

1. Formação humana

Ao tratar das diversas dimensões da formação presbiteral, a *Pastores Dabo Vobis*, antes de se voltar para a dimensão espiritual, elemento de máxima importância na educação presbiteral,⁴ refere que a dimensão humana é o fundamento de toda a formação. Enumera uma série de virtudes humanas e de capacidades relacionais que se requerem do presbítero, para que a sua personalidade seja uma «ponte e não um obstáculo para os outros no encontro com Jesus Cristo, Redentor do homem»⁵. Elas vão desde o equilíbrio geral da personalidade até à capacidade de carregar o peso das responsabilidades pastorais, desde o conhecimento profundo da alma humana até ao sentido da justiça e da lealdade.

Na verdade, a dimensão humana é fundamental em todo o itinerário educativo para o presbiterado. Algumas características para poder ser um padre 'suficientemente maduro'⁶ merecem particular atenção: «o sentido positivo

⁴Cf. PDV 45.

⁵PDV 43.

⁶O conceito de maturidade aqui subjacente é um conceito dinâmico, isto é, a maturação na docilidade ao Espírito Santo. «Aberto à realidade e disposto a conhecê-la e a aceitá-la; aprender a conhecer, reconhecer e gerir os sentimentos e

e estável da própria identidade viril e a capacidade em relacionar-se de modo amadurecido com outras pessoas ou grupos de pessoas; um sólido sentido de pertença, fundamento da futura comunhão com o presbitério e de uma responsável colaboração com o ministério do bispo; a liberdade em entusiasmar-se por grandes ideais e a coerência em realizá-los nas acções de cada dia; a coragem em tomar decisões e de permanecer fiel a elas; o conhecimento de si, das suas qualidades e limitações, integrando-as num apreço de si diante de Deus; a capacidade de se corrigir; o gosto pela beleza entendida como “esplendor da verdade” e a arte em reconhecê-la; a confiança que nasce da estima pelo outro e que leva ao acolhimento; a capacidade do candidato em integrar, segundo a visão cristã, a sua sexualidade, inclusive na consideração da obrigação do celibato»⁷.

Um psiquiatra não crente escreveu um livro⁸ acerca dos padres. Diz ele, «parece-me poder dizer que se o Bispo quer que os seus padres sejam santos, eu como psiquiatra gostaria que fossem serenos e ao menos, algumas vezes, felizes»⁹.

as emoções; disposto a escutar todas as pessoas; capaz de estar só consigo mesmo; buscador de valores autênticos em confronto com a dominante concepção consumista e individualista da vida; alguém que viveu a experiência de ser amado e está pronto a amar generosamente sem barreiras; alguém que assume a responsabilidade da sua própria vida e aprende a orientá-la para uma autenticidade sempre maior; alguém que manifesta na vida: amor à verdade, lealdade, respeito por cada pessoa, sentido da justiça, fidelidade à palavra dada, coerência, equilíbrio de juízos e comportamentos. Cf. L. MONARI, «La vita e il ministero del presbitero per una comunità missionaria in un mondo che cambia: nodi problematici e prospettive», in CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA, *Lettera ai sacerdoti italiani*, EDB, Bologna 2006, 22-27.

⁷CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*, 2008, 2.

⁸V. ANDREOLI, *Preti. Viaggio fra gli uomini del sacro*, Piemme, Milano 2009.

⁹V. ANDREOLI, *Preti*, 8.

2. Formação comunitária

(a sacramentalidade do presbitério)

O sentido da vida e da missão do presbítero é determinado pela qualidade e profundidade da sua experiência de comunhão. A vida de comunhão experimentada já no Seminário, deve ser aprofundada no presbitério para reanimar no coração do presbítero a razão da sua consagração e lhe oferecer o necessário suporte afectivo para o árduo serviço pastoral.

As motivações para a vida comunitária têm de ser renovadas constantemente. As suas raízes são:

- 1) a natureza da vocação da Igreja chamada e constituída por Deus em povo¹⁰;
- 2) a essência do ministério presbiteral, que só pode ser assumido como uma missão comunitária;
- 3) a comunhão com Cristo, vivida na intimidade própria dos primeiros discípulos, chamados para que «ficassem com Ele»¹¹.

Considerando a natureza comunitária do ministério presbiteral, o seminarista, como o presbítero, devem cultivar a capacidade de: conviver e integrar-se em comunidade; assumir responsabilidades e desenvolver o espírito de iniciativa; trabalhar em equipa sabendo dar e receber ajuda; reconhecer a necessidade do outro e de ser solidário; valorizar o trabalho dos outros; escutar atentamente os outros.

Por outro lado, há que superar entraves graves à experiência fraterna e comunitária, tais como: atitudes individualistas e narcisistas; comportamentos de isolamen-

¹⁰Cf. LG 9.

¹¹Mc 3,14.

to; busca de promoção pessoal; competição; tendência pelo luxo, pela mordomia e aburguesamento; crítica negativa “intriga eclesialística” e a submissão por conveniência.

A vida comunitária coloca-nos diante de duas realidades fundamentais na vida do presbítero:

- 1) a comunhão de fé com o Bispo e com todo o presbitério;
- 2) a partilha da vida com o Povo de Deus, o qual deve estimar, acolher, amar e servir.

Na continuidade da Tradição, o Magistério, e especialmente na *Lumen Gentium* e *Presbyterorum Ordinis*, atribuiu uma importância especial ao Presbitério, afirmando na *Pastores Dabo Vobis*: «o presbitério é um mistério: de facto, é uma realidade sobrenatural porque se radica no sacramento da Ordem. Este é a sua fonte, a sua origem. É o “lugar” do seu nascimento e crescimento. Com efeito, “os presbíteros, mediante o sacramento da Ordem, estão ligados a Cristo único Sacerdote por um vínculo pessoal e indissolúvel. A Ordem é-lhes conferida como pessoas singulares, mas são inseridos na comunhão de todo o presbitério com o Bispo”»¹². Por isso mesmo, o presbitério da Diocese, com todas as suas reuniões, encontros fraternos ou festivos, celebrações, exercícios espirituais, encontros de estudo e de reflexão é o primeiro ambiente de formação. Também as associações e fraternidades presbiterais são ambientes de formação e exercício comunitário do ministério.

¹²PDV 74.

3. Formação espiritual

A vida espiritual é o coração que unifica e dá vida a todo o caminho da formação dos futuros presbíteros. O seu conteúdo essencial é a partilha da experiência do mistério pascal de Cristo Pastor, sob a acção do Espírito Santo.

Momento essencial do encontro com Cristo é a liturgia, que conduz os seminaristas à experiência da oração de toda a Igreja (Liturgia das Horas), ao ritmo do Ano litúrgico, na celebração sacramental, em especial da Eucaristia e da Reconciliação. As linhas fundamentais de tal formação são: a união íntima a Cristo, a leitura meditada e orante da Palavra de Deus (*lectio divina*), a autêntica oração cristã, o sentido profundo do humano e o valor religioso do silêncio, os sacramentos, a liturgia, o procurar Cristo nos homens, o dom generoso e gratuito de si mesmo (celibato).

Ouso propor a espiritualidade litúrgica como a espiritualidade genuinamente cristã. A vida cristã requer sempre uma vida espiritual, que não pode existir sem a liturgia¹³. A Igreja, com efeito, salienta claramente esta tese e apresenta a liturgia na vida espiritual cristã como «fonte primeira e indispensável do verdadeiro espírito cristão, que é a participação activa nos santos mistérios e na oração pública e solene da Igreja»¹⁴. Podemos afirmar que a liturgia é a teologia celebrada e a Bíblia rezada.

Uma liturgia séria, simples, bela, que seja experiência do mistério, permanecendo ao mesmo tempo inteligí-

¹³Cf. A. COELHO, *A importância da cultura litúrgica na vida espiritual* (Vida litúrgica 3), Braga 1927; Cf. E. BIANCHI, *Lessico della vita interiore. Le parole della spiritualità*, Milano 2004, 15-18.

¹⁴PIO X, Motu proprio «*Tra le sollecitudini*», AAS 36 (1903-1904) 331.

vel, capaz de narrar a perene aliança de Deus com os homens.

No último Sínodo sobre *A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*, os Padres sinodais, nas Proposições entregues ao Papa, referiram-se à sacramentalidade da Palavra de Deus e evidenciaram a relação da homilia com a espiritualidade do presbítero: «a homilia faz que a Palavra proclamada se actualize...ela conduz ao mistério que se celebra, convida à missão e partilha as alegrias e dores, as esperanças e os medos dos fiéis...Deveria haver uma homilia em todas as missas “cum populo”, também durante a semana. É preciso que os pregadores (Bispos, Presbíteros e Diáconos) se preparem na oração, para que preguem com convicção e paixão. Devem pôr-se três perguntas: o que é que dizem as leituras proclamadas? O que é que me dizem a mim? O que é que devo dizer à comunidade, tendo em conta a sua situação concreta? O pregador deve ser o primeiro a deixar-se interpelar pela Palavra de Deus que anuncia»¹⁵.

A liturgia está na origem do desenvolvimento e da consumação da própria vida cristã. Esta é a vida segundo o Espírito, coerente com Ele. À liturgia é dado o lugar de «*culmen et fons*»¹⁶ da acção da Igreja. Da mesma liturgia vem a santificação dos homens em Cristo e a glorificação de Deus, que constituem a estrutura teândrica da liturgia, a actuação objectiva do evento salvífico. A espiritualidade litúrgica é sempre relacional (amor intra-trinitário) porque a oração é constantemente dirigida ao Pai, pelo Filho, no Espírito Santo.

¹⁵SÍNODOS DOS BISPOS, *Proposições entregues ao Papa 2008*, 15.

¹⁶ SC 10.

4. Formação intelectual

«O percurso de estudo que é oferecido pelos Centros académicos eclesiais como as Faculdades de Teologia e os Institutos nelas incorporados, agregados e afiliados tem a finalidade de garantir ao estudante um conhecimento completo e orgânico de toda a Teologia; isto é exigido de modo particular daqueles que se preparam para o sacerdócio. Além disso, ele propõe-se aprofundar de modo completo as diversas áreas de especialização da Teologia, adquirir o necessário uso do método científico próprio de tal disciplina e outrossim elaborar uma contribuição científica original»¹⁷.

O grande teólogo Lonergan (+2004) escreveu que «o método não é um conjunto de regras propostas para que um estúpido as siga meticulosamente. É uma estrutura em vista de uma criatividade em colaboração»¹⁸. É evidente que não basta um método ou querer ou até ser inteligente para acreditar, é preciso fazer a experiência do encontro com Cristo. (Deus não se aprende nos livros).

Aqui os professores do Instituto ou Faculdade de Teologia têm um papel fundamental no seu “ministério teológico”. Neste itinerário é necessário que os professores tenham consciência que também são formadores e que não se podem fechar numa mera preocupação académica com a sua própria disciplina, mas devem actuar em espírito eclesial, participando do conjunto do processo formativo, facilitar a interdisciplinaridade e a transversalidade nas dimensões teológicas.

¹⁷ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Instrução sobre os Institutos Superiores de Ciências Religiosas*, 2008, 2.

¹⁸ B. LONERGAN, *Il metodo in teologia*, Città Nuova, Roma 2001, 29.

Actualmente, o paradigma da formação alterou-se e passou a ser encarado como um processo continuado e permanente. Ninguém se pode considerar formado no termo da sua passagem pelo Seminário/Faculdade de Teologia/Instituto Superior de Teologia. Requer-se do teólogo uma capacidade crítica para ler a realidade pessoal e social e a cultura que essa incarna, aquela alegria de procurar a verdade, de descobri-la e comunicá-la¹⁹.

O estudo da teologia busca uma inteligência aprofundada dos mistérios da fé cristã que seja capaz de orientar o ser, o saber e o agir do presbítero. A inteligência (no sentido de *intus+legere*)²⁰, «aquela inteligência do coração que sabe “ver” primeiro *o mistério de Deus* e depois é capaz de comunicá-lo aos irmãos»²¹. A inteligência da fé em Cristo, que supera a mera ciência conceptual, mas que exige um sólido estudo da filosofia e da teologia para ser luz na hodierna noite cultural.

Com efeito, a qualidade dos futuros presbíteros depende da seriedade da sua formação. Pois, «os sacerdotes participarão mais de perto dos empenhos dos seus bispos, assumindo tarefas pastorais sempre mais gerais e complexas, juntamente com iniciativas cada vez mais vastas dentro e fora da diocese. Esta avultada responsabilidade pastoral requer, é óbvio, uma competência teológica e segurança doutrinal não comuns»²².

No estudo teológico há uma dupla direcção: *o estudo da Palavra de Deus e do homem interlocutor de Deus*. Tal

¹⁹Cf. S. AGOSTINHO, *Confissões* 10, 33.

²⁰Não deixar-se impressionar pelo que parece e arquitectar uma reflexão, mas entrar no mistério mediante uma atitude de participação na vida quotidiana.

²¹PDV 51.

²²SAGRADA CONGREGAÇÃO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Formação Teológica dos Futuros Sacerdotes. Introdução*. 22.02.1976.

estudo é feito à luz da tradição viva da Igreja e do seu Magistério, na escola dos Padres da Igreja, da liturgia e da história da Igreja. O Vaticano II acentua esta linha, ao afirmar: «...procurem os professores das outras disciplinas, sobretudo de teologia dogmática, Sagrada Escritura, teologia espiritual e pastoral, fazer ressaltar, a partir das exigências intrínsecas de cada disciplina, o mistério de Cristo e a história da salvação, para que se veja claramente a sua conexão com a Liturgia e a unidade da formação sacerdotal»²³.

A “unidade e a solidez” da formação intelectual é um cuidado a ter na organização dos estudos, de modo a evitar “a multiplicação de disciplinas e as questões de pouca importância”, como recordou o Concílio²⁴, concentrando-se num conteúdo doutrinal substancioso e orgânico nas questões de real interesse pastoral.

Também faz parte do quotidiano formativo a educação da sensibilidade mediante a experiência do belo. As artes no seu conjunto falam-nos do precioso dom da vida através dos seus contrastes e é a beleza do verdadeiro que brilha. A propósito escreve um filósofo Russo: «Deus criou a beleza para nos ajudar a compreendê-Lo»²⁵. Nos caminhos de Deus a beleza e a verdade andam de mão dadas.

Considerando a prioridade da formação presbiteral, em todas as suas dimensões, a preparação académica qualificada dos formadores do Seminário e professores do Instituto/Faculdade de Teologia exige da Diocese constante atenção, sacrifícios pastorais e investimento económico.

²³SC 16.

²⁴Cf. OT 17.

²⁵P.J. CAADAEU, «Aforismi e note varie», in *Russia Cristiana* 197 (1984) 18.

5. Formação pastoral

Toda a formação pastoral orienta-se a dispor o coração dos seminaristas e dos presbíteros para a caridade pastoral de Cristo cabeça, pastor, servo e esposo da Igreja. O Seminário Maior, como espaço em que todas as dimensões devem ser trabalhadas de modo global e integrado, é o primeiro espaço da formação pastoral numa articulação com a família, primeira escola de fé; as paróquias²⁶, lugares privilegiados da pastoral; os movimentos e novas comunidades; o Instituto ou Faculdade de Teologia; outros lugares (os pobres, os jovens, a cidade, a educação, a saúde, as prisões, a política, a comunicação social, o turismo, a missão, os católicos afastados...).

Ao Instituto/Faculdade de Teologia, espaço privilegiado de formação intelectual, a Igreja pede que garanta o eixo da pastoralidade, como costura da matriz curricular e do ensino de todas as disciplinas e que o ensino da Teologia pastoral conheça e respeite o plano de pastoral das Dioceses nas suas diferentes dimensões.

A formação pastoral não é só reservada ao chamado ‘Ano Pastoral’, nem só a aprendizagem de uma qualquer técnica pastoral, mas uma reflexão científica sobre a Igreja no seu edificar-se quotidiano, com a força do Espírito, dentro da história sobre a Igreja fundada na caridade pastoral de Cristo. Ela está orientada à configuração prática do presbítero pastor, discípulo e missionário de Jesus

²⁶A experiência mostra quanto é importante no processo de formação do futuro pastor, o exemplo e testemunho de presbíteros em cujas comunidades o seminarista realiza o estágio pastoral. Os párocos têm muito a testemunhar: a prática da Liturgia, a vivência fiel do celibato, a relação com a comunidade e a Diocese, o sentido da liberdade conferido ao compromisso da obediência, a integração efectiva das actividades pastorais no conjunto da acção evangelizadora da Diocese, a amizade sacerdotal... A norma suprema da educação é o testemunho.

Cristo.

O conceito ‘*caridade pastoral*’ tem a sua fonte no próprio sacramento da Ordem e constitui a alma de todo o ministério presbiteral. Neste sentido, nunca se pode separar a acção litúrgica da acção pastoral. Os dois imperativos evangélicos, o da missão “*Ide e ensinai*”²⁷ e o da Eucaristia (Liturgia) “*Fazei isto em memória de Mim*”²⁸, coincidem no mesmo e único fundamento básico do mistério e mi(ni)stério do padre diocesano. Por outras palavras “viver o que se celebra, para celebrar dignamente o que se vive”.

A Paróquia deveria ser cada vez mais uma "escola vocacional", onde o pároco ou qualquer ministro «nunca poderá esquecer que uma homilia, a administração de um sacramento (do Baptismo à Unção dos enfermos, ao Matrimónio), uma catequese, uma adoração do SS. Sacramento, um retiro, uma missa, uma confissão, uma novena, uma iniciativa qualquer, se não é vocacional, se não propõe uma pergunta estratégica («e eu que coisa sou chamado a fazer a partir desta Palavra, deste dom... ?»), não é acção litúrgica ou sacramental cristã, mas outra coisa qualquer, não bem definida, talvez inútil, às vezes contraditória (com a essência da mensagem cristã), se não até hipócrita»²⁹. As paróquias, pela sua própria identidade, são os lugares privilegiados em que se proclama o Evangelho da vocação. Os grupos, os movimentos e associações eclesiais são especiais lugares pedagógicos da vida de fé para

²⁷Mt 28, 18-20

²⁸1 Cor 11,24; Lc 22,19.

²⁹A. Cencini, Una parrocchia vocazionale. Quale pedagogia della vocazione nella comunità parrocchiale, Paoline Editoriale Libri, Milano 2005, 58-59.

o acolhimento da vocação.

Mas as testemunhas mais eficazes da vocação ao presbiterado são os próprios presbíteros e os seminaristas. Os presbíteros, enquanto sabem oferecer um testemunho de espiritualidade, perspectiva pastoral, alegria, amizade e comunhão presbiteral; os seminaristas, ao viverem com liberdade e alegria a experiência do seu seguimento, serão os primeiros e imediatos apóstolos da vocação no meio dos seus coetâneos.

6. Proposta de itinerário

A formação para o presbiterado configura-se como um verdadeiro e próprio itinerário, ritmado por momentos significativos que assimilem as dimensões humana, espiritual, intelectual e pastoral. Ao próprio Seminário exige-se um projecto educativo. Assim, propomos um itinerário para os seis anos do Seminário Maior:

1.º ano	Introdução a vida do Seminário Maior
2.º ano	Admissão ao diaconado e ao presbiterado ³⁰
3.º ano	Instituição no ministério do leitorado
4.º ano	Instituição no ministério do acolitado
5.º ano	Ordenação diaconal
6.º ano	Ordenação presbiteral

A presente proposta tem uma certa analogia com o itinerário para a Iniciação Cristã. Assim como o catecúme-

³⁰Esta etapa será sempre celebrada no dia da festa anual de S. José, o padroeiro do Seminário diocesano.

no se prepara para os sacramentos da Iniciação Cristã (sacerdócio comum) mediante a catequese, os escrutínios, as entregas do Pai-Nosso, do Credo e dos Evangelhos, também o seminarista é conduzido pela Igreja ao sacramento da Ordem dos Presbíteros (sacerdócio ministerial) mediante uma proposta educativa específica.

As quatro Dioceses que constituem o Instituto Superior de Teologia de Viseu estamos em fase de estruturação em vista da inclusão no processo formativo do chamado Ano Propedêutico.

7. Formação permanente

Atendendo ao contexto actual da nossa Diocese, o Seminário será também o centro da formação permanente para os presbíteros. De facto, o curriculum do Seminário ou da Faculdade de Teologia não pode ser entendido como um percurso concluído, mas como uma preparação para um ministério sempre aberto à renovação, à conversão, à atenção às mudanças culturais e sociais. Podemos até afirmar que se a vida do padre não é formação permanente, toma-se frustração permanente. A formação é um processo global, progressivo e permanente.

Na prática, após uma experiência comunitária no Seminário (ao menos de 4 anos), logo a seguir à ordenação presbiteral o padre é enviado, sozinho, para um vasto conjunto de experiências pastorais. Por tal motivo, o acompanhamento aos novos presbíteros exige cada vez mais uma grande atenção do bispo e de todo o presbitério. A solidão, que pode ser experimentada em qualquer idade, nunca seja produzida pelo desleixo da comunhão sacerdo-

tal. Por consequência, o Seminário nunca pode ser alheio em todas as etapas formativas do presbitério diocesano.

Os objetivos³¹ desta formação permanente dos presbíteros jovens podem ser estes:

- * acompanhar a maturidade da personalidade, num contexto de geral prolongamento da adolescência, com a tendência a retardar o assumir de responsabilidades;

- * educar para ser pastor de uma comunidade, pondo ao seu serviço as atitudes e qualidades pessoais;

- * ajudar a inserção numa pastoral complexa e exigente, encontrando também o modo de gerir responsabilmente o tempo (horário, regra de vida);

- * crescer na comunhão e na corresponsabilidade com os presbíteros e os leigos.

Como recordava o Beato João Paulo II – : «o sacerdócio não é propriedade nossa, para fazermos o que nos agrada; não podemos reinventar o seu significado, segundo o nosso ponto de vista pessoal. O que nos compete é ser fiéis Àquele que nos chamou»³². A fidelidade é um mistério de amor que vence o tempo.

Para mostrar os mistérios de Cristo e viver sempre do mistério ao mi(ni)stério – há que «encontrar paciência bastante para aguentar – aconselhava Rainer Rilke – e inocência bastante para acreditar, mais confiança no que é difícil e no estado de solidão entre os outros. E no mais, deixe acontecer a vida. Acredite-me, a vida tem razão em todos os casos»³³.

³¹ Cf. CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA, *La formazione dei presbiteri nella Chiesa italiana. Orientamenti e norme per i seminari*, terza edizione, Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano 2007, 115.

³²J: PAULO II, *Aos Sacerdotes e Religiosos da Escócia*, 31.05.1982.

³³R. M. RILKE, *Cartas a um jovem poeta*, Edições ASA, Porto 2002, 87.

³⁴LITURGIA DAS HORAS, Hino de Laudes de 19 de Março.

Que S. José, «Servo fiel, humilde e silencioso»³⁴, Homem justo e prudente, «Patriarca do silêncio e do trabalho»³⁵, continue a proteger o nosso Seminário, qual facilitador da vida em Cristo.

A Igreja presente em Bragança-Miranda precisa de novos evangelizadores para a Nova Evangelização. A Deus nada é impossível, mas nós podemos fazer todo o possível. No mistério da Anunciação acontece a possibilidade do impossível. Aqui a vida aparece como uma fonte inesgotável de surpresa e de fidelidade ao Amor. Como Isaías³⁶, Maria³⁷ diz o seu Eis-me aqui. Recordamos as palavras do Cardeal Martini: «A verdade da oração pelas vocações é alcançada quando ressoa a oração de Isaías: “Senhor, eis-me aqui. Podeis enviar-me.” Convido-vos a rezar assim»³⁸.

Caros amigos e amigas em Cristo, também eu convido a todos, particularmente aos jovens, a rezar assim:

SENHOR, EIS-ME AQUI. PODEIS ENVIAR-ME.

Bragança, 1 de Novembro de 2011
Solenidade de todos os Santos

✠ José Manuel Garcia Cordeiro
44º Bispo de Bragança-Miranda

³⁵LITURGIA DAS HORAS, Hino de Vésperas de 19 de Março.

³⁶Is 6, 8

³⁷Lc 1, 38.

³⁸C.M. Martini, *Carta aos Pais*, 2002

